

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**  
**INSTITUTO DE FILOSOFIA**  
**CURSO DE FILOSOFIA**

NHADILLA GOMES DE CALDAS SILVA

O EMÍLIO DE JEAN-JACQUES ROUSSEAU: UMA PERSPECTIVA  
SOBRE A EDUCAÇÃO PARA A FORMAÇÃO E  
DESENVOLVIMENTO HUMANO

Uberlândia

2022

NHADILLA GOMES DE CALDAS SILVA

O EMÍLIO DE JEAN-JACQUES ROUSSEAU: UMA PERSPECTIVA  
SOBRE A EDUCAÇÃO PARA A FORMAÇÃO E  
DESENVOLVIMENTO HUMANO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel e Licenciado em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. José Benedito de Almeida Jr.

Uberlândia

2022

NHADILLA GOMES DE CALDAS SILVA

O EMÍLIO DE JEAN-JACQUES ROUSSEAU: UMA PERSPECTIVA  
SOBRE A EDUCAÇÃO PARA A FORMAÇÃO E  
DESENVOLVIMENTO HUMANO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de  
Graduação em Filosofia da Universidade Federal de  
Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do Grau  
de Bacharel e Licenciado em Filosofia.

Aprovada em: 01/04/2022



---

Prof. Dr. José Benedito de Almeida Jr.

ORIENTADOR



---

Prof. Ma. Mônica de Faria e Silva

PARECERISTA

Uberlândia

2022

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que contribuíram para a realização deste trabalho. Agradeço em especial ao meu orientador Prof. Dr. José Benedito de Almeida Jr. pela disponibilidade, pela compreensão, pela paciência em acompanhar cada processo e por ser sempre tão solícito. Agradeço à minha supervisora de estágio Mônica, que me encorajou a escrever conforme minha personalidade, me apoiou nos momentos em que me encontrava desmotivada e me deu todo suporte no desenvolvimento desse trabalho. Gostaria também de demonstrar a minha gratidão aos meus pais Clenivan e Paulo, que acreditaram em mim e que possibilitaram a conquista desse sonho. À minha querida irmã Pâmella que sempre me disse que eu sou capaz. Gratidão ao meu namorado Geovanne pois sem ele eu não conseguiria vencer as dificuldades enfrentadas. Às minhas queridas amigas: Ariele e Shayane que acompanharam o meu processo durante a graduação e compartilharam suas vivências e conhecimentos tão oportunos e preciosos e a todos os que fizeram parte dessa jornada. Enfim, agradeço a Deus pelas bênçãos e por colocar ao meu lado tantas pessoas que me permitem demonstrar o incomensurável sentimento que vale o filosofar e o educar. “A graça do multiplicar está no compartilhar” (Victor Prandella “Alegria”)

“A educação exige os maiores cuidados, pois  
influi sobre toda a vida”

(Sêneca)

## RESUMO:

O objetivo deste trabalho é apresentar a pesquisa desenvolvida sobre a obra *Emílio ou Da educação*, do filósofo Jean-Jacques Rousseau, cujo Norte foi a formação do indivíduo e o desenvolvimento humano, partindo de uma análise realizada sobre a relação entre natureza e educação. A proposta do filósofo não foi, de fato, a de entregar um tratado ou um manual sobre educação, e sim, um compilado de reflexões e memórias que pudessem de alguma forma despertar na leitora e no leitor um olhar crítico sobre o homem de seu tempo e sua formação. Desse modo, a pesquisa desenvolvida se dispõe a ser um breve conjunto de análises introdutórias sobre a perspectiva do autor quanto ao conceito e a importância da educação, bem como um estudo dos quatro primeiros livros presentes em sua obra, aqui tratados em forma de capítulos. O capítulo I trata da importância e do papel da educação no mundo; o capítulo II versa sobre a educação, presente desde a infância, ressaltando o valor da natureza durante o processo de desenvolvimento; o III capítulo traz os três mestres responsáveis pela excelência da educação e por fim, o último capítulo aborda a utilidade das fábulas como método de ensino para a educação infantil. Este estudo defende que as críticas e reflexões do filósofo possuem relevante valor para a grande área da filosofia da educação, visto que os métodos de ensino são frequentemente postos em questão e seus escritos provocam importantes reflexões sobre os métodos educacionais atuais. Para contribuir e expandir esta discussão sobre a importância da educação e a formação e desenvolvimento humanos, procedemos a análise bibliográfica da obra *Emílio ou da Educação* de J.J- Rousseau bem como de grandes contribuições de Paulo Freire e Lev Semionovitch Vygotsky, considerando suas importantes reflexões sobre o ensino e a formação do conhecimento. Embora seja uma obra sobre a educação e trate de assuntos pedagógicos, é considerada pouco estudada e reconhecida, em comparação a alguns tratados e manuais escritos por pedagogos e educadores. O constructo analisado revela um conteúdo teórico-crítico que aponta para a construção do conhecimento e a relação ensino/aprendizagem no Ocidente e como as metodologias de ensino e a filosofia se relacionam com esse processo.

Palavras chave: Ensino, Aprendizagem, Filosofia da Educação, Formação, Emílio ou da Educação, Rousseau.

## **RÉSUMÉ:**

L'objectif de ce travail est de présenter les recherches développées sur l'œuvre *Emílio ou Da Educação*, du philosophe Jean-Jacques Rousseau, dont le Nord était la formation de l'individu et le développement humain, à partir d'une analyse menée sur la relation entre la nature et l'éducation. La proposition du philosophe n'était, en effet, pas de livrer un traité ou un manuel sur l'éducation, mais une compilation de réflexions et de souvenirs qui pourraient en quelque sorte éveiller chez le lecteur un regard critique sur l'homme de son temps et sa formation. Ainsi, la recherche développée se veut être un bref ensemble d'analyses introductives sur le point de vue de l'auteur sur le concept et l'importance de l'éducation, ainsi qu'une étude des quatre premiers livres présents dans son ouvrage, ici traités sous forme de chapitres. Le chapitre I traite de l'importance et du rôle de l'éducation dans le monde; le chapitre II traite de l'éducation, présente depuis l'enfance, mettant l'accent sur la valeur de la nature au cours du processus de développement ; Le chapitre III rassemble les trois masters responsables de l'excellence en éducation et enfin, le dernier chapitre aborde l'utilité des fables comme méthode pédagogique pour l'éducation de la petite enfance. Cette étude soutient que les critiques et les réflexions du philosophe ont une valeur pertinente pour le grand domaine de la philosophie de l'éducation, car les méthodes d'enseignement sont souvent remises en question et ses écrits suscitent d'importantes réflexions sur les méthodes pédagogiques actuelles. Afin de contribuer et d'élargir cette discussion sur l'importance de l'éducation et de la formation et du développement humains, nous avons procédé à une analyse bibliographique de l'ouvrage *Emílio ou da Educação* de JJ-Rousseau ainsi que des grandes contributions de Paulo Freire et Lev Semionovitch Vygotsky, compte tenu de leurs réflexions importantes sur l'enseignement et la formation des connaissances. Bien qu'il s'agisse d'un ouvrage sur l'éducation et traite de questions pédagogiques, il est considéré comme peu étudié et reconnu, comparé à certains traités et manuels rédigés par des pédagogues et des éducateurs. La construction analysée révèle un contenu théorico-critique qui pointe vers la construction de la connaissance et la relation enseignement/apprentissage en Occident et comment les méthodologies d'enseignement et la philosophie sont liées à ce processus.

Mots clés : Enseignement, Apprentissage, Philosophie de l'Education, Formation, Emile ou Education, Rousseau.

## SUMÁRIO

1	Introdução	9
2	Capítulo I - O papel da educação: uma perspectiva por Jean-Jacques Rousseau	12
3	Capítulo II - Livro I: A educação pública e a educação doméstica	18
4	Capítulo III - Livros II e III: O processo de aprendizagem e os três mestres	23
5	Capítulo IV - Sobre a utilidade das fábulas	28
5.1	Sobre a utilidade das coisas e a experiência	30
6	Conclusão	34
7	Referências	36

## INTRODUÇÃO

A educação nos acompanha desde os primórdios da humanidade e é, para além de um conceito, uma prática constante que acontece das mais diversas maneiras e que se constitui, ainda, como a principal responsável pela formação e pelo desenvolvimento, físico, intelectual e moral do ser humano, preparando-o para a vida em sociedade, para ser partícipe de uma cultura e para ser em si, o que o difere do outro. Não se poderia falar aqui sobre o papel da educação em prol do progresso humano, sem antes mencionar um dos grandes nomes que representa ativamente (tanto em suas ações quanto em suas obras) a importância desse tema. Paulo Freire, educador e filósofo brasileiro (1921-1997) dedicou grande parte da sua vida e de seus estudos a falar sobre educação. Em uma de suas obras, o autor expõe que a prática educativa e de aprendizado vai muito além da transmissão e memorização de informações:

É que o processo de aprender, em que historicamente descobrimos que era possível ensinar como tarefa não apenas embutida no aprender, mas perfilada em si, com relação a aprender, é um processo que pode deflagrar no aprendiz uma curiosidade crescente que pode torná-lo mais e mais criador” (FREIRE, 2019 p. 26).

É espiando por cima dos muros que se consegue ver onde está e para onde se pode ir. A educação nos leva a este olhar curioso e questionador sobre nós mesmos e sobre as coisas que nos rodeiam e o educador é quem nos instrui ao longo do caminho, para que seja possível chegar onde se quer ir. Para que se possa sair de onde está é necessário individualidade e consciência de que somos seres inacabados. A instrução e o desenvolvimento são partes indissociáveis para se chegar ao conhecimento. Paulo Freire propõe que durante o processo de ensino e aprendizagem a realidade do educador e do educando sejam levadas em consideração. É a partir dela (realidade) e da individualidade que será possível ensinar e aprender amplamente, respeitando a trajetória e o saber de cada sujeito. O conhecimento, se expandindo dentro da realidade de cada um, torna possível ultrapassar a aprendizagem padronizada e alcançar um desenvolvimento intelectual autônomo.

A origem da palavra autonomia nos revela muito sobre o quanto o conhecimento e a educação são agentes transformadores e aperfeiçoadores de nossa realidade. A palavra “autonomia” se origina do francês, **autonomie**. Esta, por sua vez, é derivada de duas outras palavras do grego: *autós*, que significa “próprio, si mesmo” e *nomos*, que significa

“leis, regras ou normas”. Nesse sentido, um ser autônomo é aquele que é capaz de se guiar por suas próprias leis e regras, ou seja, independência moral e intelectual.

Esta importante e sublime arte, a educação, foi e continua sendo o alvo e a brasa acesa de esperança que acompanha os pensamentos e a ponta do tinteiro de quem se dispôs e se dispõe a transcrever suas ideias e conhecimentos, a ensinar e a aprender. No cerne dessa questão reside, porém, algo inquietante e que carece de ser estudado: como é possível formar um ser humano livre, mas ainda assim capaz de viver em um círculo social? Buscando respostas, esse trabalho relata um breve retorno ao século das luzes, no qual um volume significativo de obras era voltado à educação.

O período denominado Iluminismo, também conhecido como o Século das Luzes, foi uma época marcada por grandes transformações na Europa e no mundo. O início da Revolução Industrial, em 1750, gerou uma mudança no panorama político e socioeconômico. Durante a Revolução Francesa (1789-1799) as ideias de grandes filósofos estampavam uma luta constante contra o absolutismo e as ideias liberais surgiam cada vez mais. A ciência e a religião se encontravam em conflito, o que marcou esse período também por uma grande revolução e renovação no âmbito da educação.

Os modelos educativos, antes centrados nas mãos de instituições religiosas, passaram a ser questionados. Suas propostas teóricas tinham em vista o ensino de conteúdos mais científicos e objetivavam a formação de um indivíduo racional, intelectual e empírico. As instituições educativas eram geralmente tradicionais e ultrapassadas e tinham como referência a igreja, que embora mais conservadora, também se organizava como espaço educativo e instrutivo e a família era central para a formação moral.

Nos colégios cristãos, os estudos eram organizados por faixa etária e exigia-se a leitura de livros conceituados, recitação e repetição de poemas, fábulas e leitura da Bíblia. Toda a vida escolar era submetida a sistemas de controle e a escola era um dos ambientes em que se difundia conhecimentos sobre a civilização e as “boas maneiras”, em que o trabalho e o bom civil eram os objetivos centrais.

Durante o século XVIII começaram a surgir embates sobre racionalismo e empirismo e uma grande proposta de posicionamento com relação à religião. É nesse momento que grandes pensadores apresentam suas ideias sobre o homem, sua posição na sociedade, sobre liberdade e razão. Pensadores como Voltaire, Diderot, John Locke e Montaigne tecem diversas teses sobre o conhecimento, o empirismo e a autonomia humana.

Nesse cenário, uma chave foi virada em relação à educação e muito se escreveu sobre a criança, a infância e a importância da educação e do método experimental desde

os primeiros anos de vida (John Locke, Augusto Comte, Leibniz e Immanuel Kant). Depois dessa chuva de obras em torno das crianças e sobre métodos de ensino e adaptação infantil, um homem com uma bagagem repleta de experiências e frustrações, consagrado por uma originalidade indiscreta e sem grandes expectativas, apresenta o seu pensamento sobre o homem, e sua trajetória rumo à uma sociedade. Esse homem era Rousseau.

Jean-Jacques Rousseau situa-se entre os estudiosos dessa época e entre suas obras, *Emílio* ou da Educação, escolhida por retratar que a educação, de um modo geral, sempre será um assunto de extrema atualidade e importância: “Não é sobre as ideias dos outros que escrevo, é sobre as minhas” (*Emílio*, 1992 p. 6). A educação é a maior aliada do desenvolvimento humano e de uma sociedade, formadora da cultura de um povo e também da ética e da moral do homem. Tal como afirma Rousseau:

Nascemos fracos, precisamos de força; nascemos carentes de tudo, precisamos de assistência; nascemos estúpidos, precisamos de juízo. Tudo o que não retemos ao nascer e de que precisamos quando grandes nos é dado pela educação (ROUSSEAU, 1992, p. 8).

É com base nas próprias experiências, no seu remorso por ter abandonado seus filhos e na sua crítica à educação da época (1762), que Rousseau escreve *Emílio*. Não como um tratado sobre educação ou como uma obra dogmática, mas como um modo de fazer um apelo. Um apelo para o respeito à liberdade das crianças e dos homens. Um livro que sobreviveu às críticas e à condenação às cinzas da fogueira, por relatar coisas consideradas ousadas, contra a religião e o governo, é um livro a ser adotado como orientação na formação de mulheres e homens livres.

Percorrer o tema da educação discutindo sua concepção, suas formas e seus fins, bem como mostrar a trajetória do homem em busca desta virtude é o que propõe esta pesquisa. “Pois não se educa somente para educar, mas também para realizar um fim: aperfeiçoar, despertar o homem para o mundo e para sua liberdade, ajustar uma natureza, construir o progresso coletivo, inventar...” (MORANDI, Franc. 2002)

## **CAPÍTULO I (O PAPEL DA EDUCAÇÃO: UMA PERSPECTIVA POR JEAN-JACQUES ROUSSEAU)**

No que concerne ao tema educação (ou seu conceito), muitos estudiosos e pensadores, no Brasil e no mundo se dedicam a observar, estudar e se colocar à disposição de professoras, professores e dirigentes de instituições de ensino, contribuindo com estudos, pesquisas e publicações diversas, disseminando conhecimentos, propostas e alternativas cujo objetivo é a busca pela melhoria da qualidade da prática pedagógica e da própria educação, em si. A grande questão que se perpetua, no entanto, é: qual o papel da educação e porque ela é (ou deveria ser) uma prioridade?

Nesse trabalho, percorreremos um tema extremamente oportuno que permeia séculos de reflexões filosóficas e políticas e ainda assim se mantém atual.

A educação, apesar de suas diferentes faces e abordagens, é uma prática universal na qual todo sujeito é partícipe. O que se torna objeto de questionamento é: para que serve? Se educamos, educamos para um fim e seja qual for nós, homens, somos todos sujeitos a este fim devido a nossa natureza educável.

Atualmente a perspectiva do que é de fato a educação e para que ela serve diverge da perspectiva do conceito de educação platônico, que afirma que o homem deve ser educado para ser um cidadão ético e útil. Sem dúvida a educação, a partir do século XX, se tornou uma simples ferramenta que possibilitará o ingresso das pessoas no mercado de trabalho.

Uma citação de Leon Tolstói que resume muito bem o conceito de educação como instrumento é “Há quem passe pelo bosque e só veja lenha para sua fogueira” (Guerra e paz, 1869). De fato, um vasto bosque vai muito além da madeira e galhos presentes nas árvores que nos servem de lenha para nossas fogueiras. O conceito de bosque é algo muito mais complexo e amplo quando nos empenhamos em observar e refletir sobre ele, do que quando o vemos apenas como uma única ferramenta para atingir um fim específico.

É sobre o que é o bosque, a história dele, as diversidades ali presentes, sua evolução, o que pode nos ensinar e nos oferecer e o que podemos fazer pelo bosque para que ele continue a nos ensinar e nos suprir. Assim é a educação. Ela vai muito além de uma mera ferramenta para o mercado de trabalho, para “domesticar” os homens ou para nos tornar meramente sociáveis.

O termo educar foi introduzido por volta da metade do século XIV e início do século XV, baseado principalmente no francês antigo *nourrir* e *nourriture* que condizem com o ato de criar um filho e ser nutrido de bons princípios (o que remete diretamente ao Emílio de Rousseau). Um outro termo, não menos importante, que também se remete diretamente à educação é o de *infância*, derivado de *infans* ou, o que não pode falar.

Este termo traz à luz a questão da dependência referindo-se tanto às crianças quanto àqueles que não desfrutam de autonomia. Isso nos faz refletir sobre como somos seres “inacabados” principalmente na infância. Estamos em progresso e totalmente dependentes de um tutor não sendo capazes de agir por nós mesmos ou lidar com as consequências de nossas próprias ações.

Busca-se ensinar as crianças desde os primeiros passos e balbuciar de palavras a aprenderem coisas sobre o mundo que as cerca para que possam mais tarde, fazer as coisas por si só, seja falar, caminhar, ler, escrever, realizar tarefas de higiene pessoal entre tantas outras. Este processo de ensino e de aprendizagem não se deve apenas aos tutores, grande parte do desenvolvimento humano vem da própria natureza. Em Rousseau veremos o conceito de educação passar de um simples instrumento moral ou técnica pedagógica a um patamar mais elevado, no qual trata-se da relação da natureza humana entre o indivíduo e a sociedade.

O ato de educar é natural pois sempre se aprendeu e sempre se ensinou. A educação começa nos primeiros dias de vida de um ser humano e os primeiros educadores desse novo ser são os pais ou as pessoas responsáveis pela criança. No entanto, é possível notar que não são apenas os nossos genitores ou cuidadores que influenciam diretamente e constantemente em nosso aprendizado.

Tudo o que está à nossa volta nos ensina. Um grande teórico da aprendizagem chamado Lev Vygotsky aponta que este processo vai muito além da leitura, da memória ou da aquisição de dados e informações. Segundo ele, o ser humano nasce com predisposições e funções psicológicas elementares nas quais o aparelho cognitivo atua com base nos estímulos externos. Interações sociais ou com o ambiente auxiliam o processo de desenvolvimento de consciência e memória e desencadeia tanto o desenvolvimento intersubjetivo quanto o intrasubjetivo.

A partir daí o ser humano constrói o conhecimento cotidiano. Portanto, os primeiros momentos de aprendizado acontecem ao observar o outro e o que o cerca. Esse processo acontece muito precocemente e por esse motivo, Rousseau valoriza como processo educacional, todos os estímulos desde a mais tenra idade. Deixa de lado as

técnicas e manuais, valorizando a criança naquilo que ela é e que não tem que se tornar outra coisa senão aquilo que ela deve ser.

O ofício da educação defendido por Rousseau é nada mais nada menos que o da vida. Rousseau pretende que o homem, antes que lhe designem tarefas, títulos e postos, seja apenas o homem. E essa não seria uma tarefa fácil, mas honesta e realista.

O filósofo Jean-Jacques Rousseau provocou uma revolução no que diz respeito à pedagogia: Rousseau recentralizou os interesses pedagógicos, e a partir desse momento os olhos e interesses voltaram-se ao aluno e não tanto ao professor. Além disso, salientou que a criança não deve ser encarada como um “adulto em miniatura”.

Rousseau nasceu em Genebra, em 1712. Sua mãe morreu logo após seu nascimento, em decorrência de complicações do parto e seu pai o abandonou aos dez anos de idade, junto com seu irmão mais velho, ficando assim, ambos sob os cuidados de seus tios, por parte de pai. Seu irmão deixou a família ainda em sua juventude e nunca mais foi visto por Rousseau.

Suas primeiras noções de leitura e escrita foram ensinadas pelo pai e desde então Rousseau passava a maior parte do tempo mergulhado em obras clássicas e romances que influenciaram consideravelmente sua perspectiva sobre o mundo. Mais tarde, aos 16 anos, ele deixou sua cidade natal, Genebra, e por não se sentir emocionalmente ligado a ninguém, precisar de trabalho e desejar novas experiências, viajou por muitos países, como Itália e França. Essa aventura mudaria os rumos de sua vida.

Após deixar Genebra, caminha errantemente sendo “obrigado” a trabalhar para se sustentar. Ele trabalhou para madames como auxiliar de contas de loja e redator de cartas (nesses momentos, Rousseau desenvolve um certo apego sentimental a essas mulheres). Como redator, o autor encontrou tempo para continuar a leitura de suas obras favoritas e para estudar um pouco mais sobre os ofícios de seu interesse (música, literatura e latim). Estabeleceu-se, o filósofo, na casa de uma dessas madames, até o momento em que a mulher, a qual ele teria se apegado emocionalmente (e de certo modo, maternalmente), substituiu seus serviços pelos de um outro jovem.

Rousseau decide partir e por compaixão da senhora ele é enviado à casa do senhor de Mably para que seja acomodado em um lar e tenha um emprego. Nesse momento, Rousseau é contratado como preceptor e floresce nele um importante propósito: Projeto para a educação do senhor de Sainte Marie, o menino Emílio.

Durante esse período, Rousseau tornou-se professor de música, foi temporariamente recenseador do rei da Sardenha e mais tarde tornou-se compositor. Como se não bastasse sua curiosidade intelectual, as circunstâncias o levaram a ter com

um médico irlandês, ocasião que propiciou a ele grandes aprendizados sobre medicina e anatomia. Tão jovem e com tantas experiências vividas, ele não poderia deixar de registrá-las.

A maioria das suas obras é autobiográfica, repleta de crítica e de teses sobre a realidade da sociedade. Seu lado romântico sempre resgata momentos de sua vida e sentimentalismo. No pior dos mundos, Rousseau seria (quem sabe) um poeta.

Antes de ser reconhecido um filósofo, Rousseau foi um homem que não se formou em colégios ou academias, não teve um mestre ou um tutor. Foi um autodidata e em grande parte de sua vida dedicou-se a estudar diferentes áreas como latim, botânica, música, química, filosofia, astronomia, etc.

Porém, apesar de seu vasto conhecimento, se dedicou a outras profissões, em virtude da infância difícil e durante essa jornada aprendeu muitas coisas com seu pai. Aos onze anos de idade teve que abandonar seus estudos para trabalhar e garantir seu sustento, o que era comum naquela época para garotos naquela idade. Na maioria dos casos, os jovens eram aprendizes de um profissional que oferecia, além do salário, estadia. Rousseau foi aprendiz de um artesão e trabalhou como gravador, imprimindo brasões e iniciais em relógios e acessórios de metal em geral.

Durante o século XVIII, a Europa não conhecia os sistemas públicos de ensino e a educação ou instrução coletiva eram dadas pelos colégios católicos ou protestantes, que ofertavam, além de seus princípios, o que chamamos atualmente de Educação Básica. Apesar de serem instituições de ensino coletivas, esses colégios eram frequentados por filhas e filhos de famílias abastadas, que possuíam condições de pagar valores consideráveis pela educação dos filhos.

Na época em que Rousseau viveu, eram comuns os colégios católicos e protestantes cuja metodologia de ensino era centrada no conteúdo e no ensino, e não no processo de aprendizado. Nesses colégios, as subjetividades e o desenvolvimento das crianças e dos adolescentes não eram levados em conta e, desde que aprendessem o conteúdo das disciplinas, todo o resto era trivial.

Além dos colégios, a educação doméstica era uma opção. Nesta modalidade de educação os preceptores ou tutores residiam na casa dos alunos, acompanhavam seu desenvolvimento e por vezes, ensinavam-lhe música, literatura, artes e linguagem. Desse modo, o preceptor assumia um papel tão importante quanto o de um educando em uma instituição de ensino.

Rousseau teve uma breve experiência como preceptor e apesar de, na sua opinião, não ter sido bem-sucedida, contribuiu significativamente para o desenvolvimento de suas ideias e considerações sobre educação.

Inspirado pelas obras de Plutarco, Heródoto e Suetônio, buscou sempre a liberdade e, como homem simples que era, por vezes expressava o que pensava e sentia, deixando transparecer em suas obras, certos paradoxos e equívocos. Por sua transparência e pela vontade de exprimir sua indignação e seu amor pela vida, pela moral e seus interesses pelos assuntos sociais, o autor dedicou-se a escrever e, dentre suas obras, *Emílio ou Da Educação* (1762). Esse trabalho, apesar de pouco conhecido pelo público em geral, é comumente citado em cursos de Pedagogia.

A problemática geral prevista por Rousseau consistia em: se o homem vivesse em harmonia com a natureza e com seu semelhante desde a origem e continuasse assim vivendo, de acordo com os planos dos protestantes e moralistas, tornar-se-ia livre e se rebelaria, a favor de suas paixões e suas ambições. O que antes era uma relação mútua de respeito às semelhanças, tornou-se uma disputa de poder e alastrou-se pela sociedade.

As instituições responsáveis por conter as paixões humanas e refrear o instinto constante de disputa, tornaram-se manipuladoras e o saber, a razão e o conhecimento tornaram-se meros objetos de poder. A caracterização histórica representada pelo jogo de interesses e pela insatisfação constante, traz a educação como apaziguadora das diversas crises que surgem em uma sociedade.

Mais do que nunca, surge a necessidade de formar homens cuja existência não seja meramente um dispositivo ou um instrumento para o Estado e sim, para que seja útil em outras instâncias, mas que antes de qualquer coisa, seja humano. A educação seria a redentora, a salvação humana.

Nesse sentido, “*Emílio*” é o grande encontro de correntes e contracorrentes da época e ergue através dos contrários (o sensível e o racional) o desenvolvimento de um ser humano autônomo capaz de viver em sociedade.

Rousseau descreveu, em *Emílio*, observações cuidadosas sobre os processos de desenvolvimento físico e cognitivo do ser humano e apontou possibilidades pedagógicas de explorar estes processos, enfatizando sempre o papel da natureza nos mesmos: “Observai a natureza e segui o caminho que ela vos indica”(ROUSSEAU, 1992, p. 9).

Seu objetivo, além de fazer uma crítica à educação da época, era “conhecer o aluno” em suas mais diversas fases. Partindo deste princípio ele inicia sua obra e dividindo em livros as fases de desenvolvimento e crescimento humano ele traça o seu caminho rumo à educação do homem.

O desenvolvimento humano, tanto cognitivo quanto físico, diferente do que afirmam muitos, não têm o seu início somente na infância. Bem antes disso, ainda no ventre da mãe, há diversos fatores que influenciam na saúde física do indivíduo e, por conseguinte, no seu sistema cognitivo. Em Emílio, Rousseau deixa claro as etapas da formação do homem e os fatores que determinam cada uma delas e enfatiza que o ser humano necessita de ajuda e de instruções desde o momento de seu nascimento. A educação tem seu papel desde então, respeitando cada etapa de seu desenvolvimento, como segue:

“Conhecer o bem e o mal, sentir as razões dos deveres do homem, não é da alçada de uma criança. A natureza quer que as crianças sejam crianças antes de serem homens [...] a infância tem maneiras de ver, de pensar, de sentir que lhe são próprias; nada menos sensato que querer substituí-las pelas nossas” (ROUSSEAU, 1992, p. 75).

Sobre Emílio, Rousseau dizia não se tratar de um manual de educação ou de métodos de ensino, nem mesmo o registro de padrões de comportamentos observados em crianças e adolescentes. Era primordial para ele, conhecer o aluno, seus interesses, capacidades e motivações e assim, apresentar a suas leitoras e seus leitores, a educação da natureza cujos princípios e aplicação dependia de inúmeros fatores e circunstâncias, tais como a presença de um bom preceptor, a disponibilidade de um ambiente propício para o aprendizado e de uma criança desde o início de sua infância. E é com base em Emílio que teremos uma perspectiva, neste trabalho, do que é a educação e de como ela é importante para a emancipação dos indivíduos.

A obra Emílio é dividida em cinco livros e cada um apresenta diferentes características sobre o período das transformações humanas, orientadas por faixas etárias. Além disso, a obra Emílio trata sobre a bondade original do homem.

Para efeito de análise crítica, o Livro II foi o fundamento desse trabalho, mas serão apresentados também (para efeito de contextualização), os livros I e III.

## CAPITULO II

### LIVRO I: A EDUCAÇÃO PÚBLICA E DOMÉSTICA

Jean-Jacques Rousseau, munido de seu sentimentalismo e sensibilidade, traz a nós leitores, uma reflexão árdua sobre como o homem e sua vontade de poder que desconfigura todo o cenário da vida.

“Tudo é certo saindo das mãos do Autor das coisas, tudo degenera nas mãos do homem. Ele obriga uma terra a nutrir produções de outra, uma árvore a dar frutos de outra; mistura e confunde os climas, as estações; mutila seu cão, seu cavalo, seu escravo; transtorna tudo, desfigura tudo (...) não quer nada como fez a natureza, nem mesmo o homem; tem de ensiná-lo para si, como um cavalo de picadeiro; tem que moldá-lo do seu jeito como uma árvore em seu jardim” (ROUSSEAU, 1992, p. 9).

Sua crítica é sobre a teimosia humana em querer dominar e modificar a natureza a seu favor, quando na verdade é ela que se dispõe a nos ensinar e nos fornecer as melhores coisas. Como o homem é esse ser controlado por suas paixões, a educação trataria de amanhã-lo e conduzi-lo ao juízo. Essa educação a qual o autor se refere, tem o seu início desde o ventre gerador, com os primeiros estímulos recebidos e a formação e predisposição cognitiva que capacita a função de assimilação e memorização, responsáveis pelos primeiros conhecimentos adquiridos.

O corpo humano se adapta ao ambiente externo e este nos fornece informações que serão armazenadas por longa data. Já fora do ventre de sua mãe, o bebê experimenta as sensações do mundo ao seu redor, o desconforto e as dificuldades que existem fora do útero. O alimento já não é obtido tão facilmente, faz frio e tudo requer um incessante esforço. Daí o choro angustiada do nascer.

É para essa jornada um tanto difícil, que a educação aponta. O movimento constante em favor da liberdade, os impulsos dos órgãos internos tendem a novas descobertas e esforços e cabe à mãe suprir as necessidades deste pequeno e inexperiente ser. Elementos como a alimentação, o banho, a liberdade do movimento e a troca de afetos são primordiais para um bom desenvolvimento humano. Nesse processo de desenvolvimento físico, nos primeiros meses de vida, o ambiente e os cuidadores são os principais educadores.

Segundo o autor, essa é a fase em que é preciso deixar que a natureza seja responsável pela formação física. Alguns hábitos comuns como o de enrolar a criança com uma manta limitando seus movimentos, mantê-la no colo e colocá-las em andadores, são ações que impedem ou limitam o desenvolvimento e a formação física da criança. É

necessário que haja uma liberdade de movimento para que os músculos e os ossos se desenvolvam corretamente, para que haja um esforço em se locomover para que consiga equilíbrio e firmeza. O contato empírico e o aprimoramento da capacidade física são essenciais para a evolução cognitiva.

Fazer de um filho uma espécie de ídolo e (tentar) protegê-lo do mundo externo constitui-se num grande erro, pois se é pouco o contato que a criança tem com a natureza e com os “perigos” que ela oferece, terá restritos seus movimentos, o que torna a criança fraca e inexperiente. É neste momento que a natureza se encarrega da posição formadora, ela contribui continuamente para o exercício físico e mental do indivíduo.

Rousseau divide o desenvolvimento humano em fases. A primeira, já mencionada, trata do nascimento e dos elementos importantes dessa fase para o fortalecimento da criança. A segunda fase diz respeito estritamente à natureza. De acordo com o autor, o homem nasce livre e não é de sua natureza que viva em sociedade. A educação da natureza difere da educação comum no quesito do objetivo que cada uma tem em relação ao indivíduo. A natureza prepara o indivíduo para o ambiente externo, o físico, o aprendizado no que diz respeito às sensações, enquanto a educação dada pelos homens e pelo hábito prepara o indivíduo para viver em sociedade.

No entanto, Rousseau afirma: “Observai a natureza e segui o caminho que ela vos indica” (pg.21). A educação da natureza representaria impedimento, de alguma forma, à educação dada pelos homens ou vice-versa? Quando uma ou outra prevalecerá? Quando se deve intervir em relação a alguma?

Segundo o filósofo, a natureza é uma potência humana, um dos três mestres. Os outros dois seriam as coisas e os homens. A educação da natureza (como diz o nome, é como a natureza nos ensina internamente através dos nossos órgãos e faculdades), a educação das coisas (adquirida de nossa própria experiência com os objetos ao nosso redor) e a educação dos homens (a qual somos mestres e ensinamos o que fazer com as duas anteriores), cujo principal desafio seriam a união e o equilíbrio:

Ora, dessas três educações diferentes, a da natureza não depende de nós, a das coisas, só em certos pontos depende. A dos homens é a única de que somos realmente senhores e, mesmo assim, só o somos por suposição, pois quem pode esperar dirigir inteiramente as palavras e as ações de todos os que cercam uma criança? “ (ROUSSEAU, 1992 p. 11)

Para Rousseau, a natureza ensina através do mundo externo e das coisas. Ela está constantemente a formar o homem, no entanto, do ponto de vista físico, a natureza prevalece. A educação dos homens não deve interferir no caminho que ela traça.

Já do ponto de vista relacional, a educação dos homens é que prevalece, pois, a natureza não forma o ser humano para viver em sociedade (empatia, ética, altruísmo). Rousseau considera como parte do processo educacional as primeiras noções de linguagem, a educação física, o desenvolvimento da moral e da autoconsciência.

Quando se fala de educação é importante distingui-la do que chamamos instrução. Instruir é dar preceitos, apontar caminhos, facilitar, enquanto que educar é (ou deveria ser) conduzir, é fazer encontrar por si. Toda instrução indica, aponta educação, mas não é educação, ela apenas está ao seu serviço. Aprender por si só nos permite falhar e tentar por diferentes modos atingir um objetivo, por tantas vezes errar em um mesmo quesito, o aprendemos com excelência e por isso, tendemos aprender em quantidade e não em qualidade.

A máxima desse livro, portanto, gira em torno do propósito de mostrar que a educação é uma arte e que essas três formas de educação precisam estar em consonância. No entanto, as maneiras de se educar um indivíduo na época em que o autor escrevia a obra, não apresentavam essa conciliação e tampouco as considerava em suas particularidades.

O autor segue sua crítica e apresenta as duas formas de educação presentes em seu tempo: a educação pública (a das instituições de ensino) e a educação particular (a doméstica). Como foi anteriormente mencionado, a educação tradicional do século XVIII, principalmente a praticada na França era direcionada à padronização dos costumes da nobreza e do clero e tratava-se de uma educação privada, na maioria das vezes. Visava uma formação direcionada a atender os anseios da realeza e preparar os pupilos para tal. Como no início do século XVIII não haviam muitas escolas públicas, as pessoas que não pertenciam à nobreza ou não tinham condições financeiras para contratar um preceptor, transmitiam seus conhecimentos de geração a geração e esses conhecimentos não incluíam etiqueta ou “bons-costumes”.

A questão que a obra Emílio insiste em abordar é que a educação não pode ser padronizada e que seria inútil caso não permitisse uma mudança interna no homem. Para Rousseau a educação pública induz à rivalidade, ao ciúme, à vaidade e ao temor, e os alunos são convencidos da importância de sempre obedecer, trabalhando sob ameaças, promessas e recompensas. Devido à cultura da época não era comum dar atenção às crianças que eram avaliadas de forma rígida. O grande objetivo era conter os ânimos das

mesmas e ensinar-lhes que se deve obedecer aos mais velhos, decorar textos, aprender diferentes idiomas e ter uma boa oratória.

Quanto à educação doméstica, geralmente era flexível no sentido de que na maioria dos casos seguia dois extremos: ou era oferecida pelos pais, com conteúdos escolhidos à dedo e dessa maneira limitada, e em que se escondiam as contradições e obstáculos presentes na realidade, protegendo as crianças a ponto de formá-las como um ser frágil, medroso e egoísta, ensinando-se apenas o trivial. Nas famílias mais abastadas um tutor era contratado e, sob supervisão dos pais, se encarregava de educar o pupilo. Nesse caso, os pais se mantinham distantes, se abstendo da responsabilidade de educar os filhos e mesmo de sanar pequenas dúvidas, ficando a criança à mercê de seu mestre. Em algumas circunstâncias os pais interferiam frequentemente na metodologia do tutor, impedindo ou limitando o desenvolvimento do aprendiz.

O filósofo não questiona entre educação doméstica e institucional, qual seria a correta, porém defende que ambas possuem pontos de desequilíbrio e seu objetivo é justamente ressaltar que a fragilidade e a ineficiência da educação não estão no lugar onde se ensina ou em quem ensina, mas a deficiência da educação está na metodologia de ensino e no objetivo a ser alcançado quando se pretende educar.

O Emílio de J.-J Rousseau aponta para o movimento efetivo do cumprimento do dever civil, a *paideia*, e percorre toda sua obra. Se o projeto não for direcionado ao desenvolvimento do ser humano e a formar um sujeito ético, autônomo e sociável, então, certamente a educação só servirá como alimento para o intelecto, para o ego e como instrumento para obtenção e demonstração de poder.

A educação, se não for aplicada de maneira humanizada e sensível, pode ser facilmente uma ferramenta de dominação. Por este motivo, o filósofo reforça que é necessário preservar a criança e respeitar suas etapas de aprendizado para que posteriormente se torne um homem adulto e autônomo. Respeitar o seu tempo de aprendizado e observar cada etapa demanda tempo, por isso seria necessário que se aumentasse a duração da educação e, por conseguinte, diminuísse a intensidade da mesma de forma lenta e gradual, a que o autor denominava educação negativa.

O autor firma-se na ideia de que todos os pilares necessários do conhecimento se encontram na natureza e estão disponíveis às descobertas, ofertando uma condição saudável para o entendimento e a experiência. Seguindo esse pensamento, é possível destacar que a educação privada é propícia para uma estrutura pedagógica gradual, enquanto que na educação pública é muito pouco provável que essa ideia possa vigorar

devido a quantidade de estudantes de diferentes faixas etárias convivendo em um mesmo espaço e aprendendo cada um em seu ritmo.

Apesar disso, Rousseau pausa sua crítica às instituições públicas e começa a tecer a proposta de uma instituição que possa repensar a infância, diferenciando as crianças umas das outras e formar indivíduos autônomos capazes de transformar as próprias sensações em ideias. Essa proposta de educação negativa foi um tanto quanto mal vista pelos leitores na época, mas foi retomada décadas depois e é levada em consideração nos dias atuais.

### CAPÍTULO III

#### LIVROS II E III: O PROCESSO DE APRENDIZAGEM E OS TRÊS MESTRES.

Nunca sabemos colocar-nos no lugar das crianças; não penetramos em suas ideias, emprestamo-lhes as nossas; e seguindo sempre nossos raciocínios, com cadeias de verdades só enchemos suas cabeças de extravagâncias e erros (ROUSSEAU, 1992, pg. 180).

Neste livro Rousseau apresenta, de forma direta, como se dá o aprendizado. “Nossa mania pedante de educar é sempre a de ensinar às crianças o que aprenderiam muito melhor sozinhas e esquecer o que somente nós lhes poderíamos ensinar (ROUSSEAU, 1992, p.59)”.

Para o autor, é possível observar que a criança aprende por si só uma série de coisas e nós, ao invés de cuidarmos de ensinar-lhes aquilo que não podem aprender sozinhas, perdemos tempo ensinando-lhe coisas que aprenderiam facilmente com as próprias coisas. Daí a importância de criar situações-problema, cuja solução está ao alcance do aprendiz, não como conhecimento pronto, mas como situações que instiguem a curiosidade e que sejam fruto de associações do que ele já sabe.

Educar tendo como linha de bordo a natureza e o mundo real faz com que a criança perceba a utilidade do que lhe está sendo proposto e ensinado e evita frustrações, confusões, devaneios e desinteresses.

Analisando a importância da natureza e do seu papel na formação de um indivíduo, Rousseau afirma que a natureza é uma grande aliada. Desde a forma como ocorre a gênese humana, no processo de seu desenvolvimento, nascimento e mesmo durante seu crescimento em estatura e cognição, a natureza se encarrega de contribuir com maestria para a formação do indivíduo.

Por este motivo, Rousseau a coloca como um dos três mestres responsáveis pela educação humana. Para que a educação seja bem-sucedida, é necessário observar a orientação que a natureza oferece e segui-la. Cada ser humano tem seu tempo de aprendizado, seu desenvolvimento pessoal, à sua maneira. Seria bobagem intervir, e mudar o curso de algo tão perfeito por si mesmo.

A natureza, como mestre, desenvolve a força física, as faculdades e as sensações. Sua contribuição é grande, porém não é suficiente. De acordo com Rousseau, não é da

natureza do homem que saiba viver em sociedade, logo, a educação que a natureza oferece, por si só não vale quando os homens passam a viver em comunidade.

Faz-se necessário que haja mais um mestre responsável pela educação do indivíduo, o que Rousseau dirá que são as coisas. A educação das coisas vem a partir do momento que passamos a guardar, em nosso intelecto, as experiências que obtivemos com o mundo externo. O princípio que guiará este tipo de educação é a predisposição humana em querer aprender o que lhe é útil. Experimentando as coisas por si mesmas e entendendo para que servem, é possível armazenar na memória maior conhecimento sobre aquilo (isto inclui história, geografia, biologia, química, física, matemática e tantos outros conhecimentos).

É claro que somos mais susceptíveis a aprender as coisas quando as experienciamos do que quando apenas ouvimos ou lemos sobre elas. Desse modo, o terceiro e último mestre se ocupa de intervir na natureza humana, de modo a ensinar como se pode viver em sociedade. Segundo Rousseau,

[...] que fazer, porém, se, em vez de educar o homem para si mesmo, queremos educá-lo para os outros? Este acordo se torna então impossível. Forçado a combater a natureza ou as instituições sociais, é preciso optar entre fazer um homem ou um cidadão, pois não se pode fazer os dois ao mesmo tempo (ROUSSEAU, 1992, p. 10).

Essa intervenção, para Rousseau, deve ser sutil. Trata-se da educação dos homens. É aqui que mora a diferença entre educação pública e doméstica. Para ele, há uma discrepância entre ensinar uma criança a dividir seus brinquedos e tratar uma criança como se trata um adulto, dando-lhe lições de moral e fazendo-a ler livros com textos inacessíveis, de linguagem erudita. Bem como há um abismo entre limitar o jovem ou deixá-lo livre a aprender por si mesmo, praticando de acordo com seus próprios interesses.

Rousseau critica a educação pública ou instituições de ensino, pois estas visam dois fins contrários e sem êxito acabam por formar homens egoístas e sem objetivos. Não muito diferente da educação atual, ele presenciou, em sua época, uma educação voltada ao método de ensino e não à aprendizagem. Oferecer conteúdos específicos objetivando profissões específicas e se esquecendo que antes de ser médico, o médico é homem, antes de ser soldado, o soldado é homem, antes de sermos o que somos, somos puramente homens e é para isso que devemos ser educados, pois, nosso verdadeiro objetivo é a condição humana: “Quem quer que seja bem-educado para tal condição, não pode preencher mal as outras relacionadas a ela” (ROUSSEAU, 1992, p. 14).

Por tais motivos, os três mestres são tão importantes para a formação do indivíduo. A natureza, as coisas e os homens. A natureza é a potência humana que impulsiona o desenvolvimento humano em fases diferentes, as coisas são o aprendizado que a própria pessoa faz em sua relação com elas e, por fim, a educação dos homens é a orientação de seus métodos conforme os mestres anteriores.

Quando os três mestres estão de acordo, é possível que o ser humano se desenvolva respeitando seu próprio tempo, aprendendo a lidar com o ambiente e com os outros. O papel de um instrutor/preceptor é auxiliar o homem a se relacionar com o outro, sem interferir no caminho que a natureza traça. No entanto ela, de maneira alguma deve prevalecer completamente e sufocar a natureza humana.

Para melhor esclarecer sobre a questão da educação da natureza e sobre a utilidade das coisas, Rousseau propõe ainda neste livro a questão das fábulas, que será tratada com mais propriedade no capítulo IV.

No livro III o filósofo nos trará à vista a questão da autonomia. O preceptor percebe que Emílio aprendeu poucas coisas em quantidade, mas aprendeu com qualidade o que lhe foi apresentado porque o método de ensino utilizado fez com que ele, na maioria das vezes, aprendesse por si.

Durante o desenvolvimento do aprendiz ele percebe que apesar do fortalecimento físico e dos aprendizados ao decorrer do crescimento, a maior fraqueza humana é o desejo/vontade. As paixões humanas enfraquecem o homem e infelizmente a natureza não nos prepara para elas. Não se sabe ao certo de onde vêm os desejos, mas sabe-se que é preciso força e capacidade para refreá-los. É comum aos homens sentimentos como interesse, orgulho, competitividade exacerbada e vaidade, que por vezes são responsáveis pelos confrontos e limitações quanto à civilidade, à ética e à cidadania. Por esse motivo, o autor nos aponta o quanto é necessário o desenvolvimento intelectual.

É preciso que as sensações sejam transformadas em objetos intelectuais e é através dos sentidos que o entendimento (intelecto) progride: “Nenhum livro senão o mundo, nenhuma instrução senão os fatos (ROUSSEAU, 1992, p. 176)”. Nessa passagem pode-se notar que o processo de ensino e aprendizagem precisa sair da teoria e firmar-se na realidade. Rousseau faz uma crítica aos livros como método de ensino para crianças e adolescentes pois, as palavras são vazias quando não se pode compará-las e reafirmá-las no mundo real.

É importante e necessário que o aprendiz entenda que suas ideias não devem se basear nas ideias de outrem e sim, que ele seja capaz de desenvolver e examinar suas próprias ideias. Como foi visto na obra “*Emilio*” de Jean-Jacques Rousseau, a educação

faz parte do processo de desenvolvimento humano e visa sobretudo a autonomia. Mas, o que é de fato essa autonomia, que tanto é mencionada nesta obra? Em muitas de suas obras, Rousseau concorda que apesar de nascermos solitários e inconscientes de nós mesmos, o destino do homem é viver em sociedade, mas que para que isso aconteça da melhor maneira, é necessário que ele aprenda a ser o que nasceu para ser.

Cada fase do desenvolvimento humano desde seu início, era respeitada em Rousseau, que almejava a liberdade em cada uma delas. Autonomia para ele, então, se enquadra de uma maneira diferente em cada uma das fases presentes em nosso desenvolvimento. Na infância por exemplo, autonomia é o momento em que nos deixamos guiar pela natureza, sem maiores interferências. Deixarmos de enxergar a criança como um adulto em potencial ou como um pequeno adulto e vê-la simplesmente como criança, que sinta por si só, aprenda e conheça o que pode ou não fazer, o que é bom e ruim e deixá-la realizar por si mesma o que lhe for possível. Neste caso, mais liberdade e menos domínio no estado de natureza é o que sintetiza bem o sentido da autonomia.

Mais adiante, em uma etapa mais avançada da idade do homem, o conceito de autonomia toma uma forma mais complexa. O homem, apesar de maduro, se vê a mercê de suas mazelas e diante dos obstáculos da vida se sente obrigado a compartilhar com outros homens suas dificuldades, vivendo coletivamente para que o peso possa ser distribuído, sua sobrevivência possa ser assegurada, bem como suas necessidades materiais, supridas.

Por isso é tão necessária uma boa educação, que permita o agir da natureza desde a infância. Formar o homem natural para assumir seu lugar na sociedade e cumprir seu papel de cidadão, capaz de contribuir de forma efetiva para uma sociedade saudável, transformando a bondade natural que possui desde criança em virtudes necessárias para uma vida em sociedade na qual não terá mais nenhum guia.

Rousseau define liberdade e autonomia nesta fase, não como simplesmente fazer o que se deseja inconsequentemente, mas tendo ciência de suas ações e objetivos e tendo em vista a obediência à lei que ele mesmo se propôs, tornando-o senhor de si, mediador, e não mais escravo de seus impulsos e vontades. É mediante a própria escolha que se toma decisões vinculadas à vontade geral, pois não está mais sozinho. Assim, o objetivo é formar o cidadão para construir, por conseguinte, uma sociedade que almeja o interesse público e não o privado, na qual se obedecem às leis e não aos homens.

A educação é primordial, não para que se acumule conhecimentos em quantidade, mas que sejam conhecimentos adquiridos com consistência, que possam ser aplicados no

cotidiano e que sejam descobertos por si e não passados por outro como um simples dado transmitido de uma pessoa à outra. Seguindo essa ideia, o filósofo propõe como exemplo sólido, alguns métodos de ensino tradicionais e tece uma crítica sobre como são vacilantes.

## CAPÍTULO IV: SOBRE A UTILIDADE DAS FÁBULAS

Não se trata de ensinar-lhe as ciências e sim de dar-lhe a inclinação para as amar e métodos para as aprender” (ROUSSEAU, 1992, pg. 181)

Durante a experiência que Rousseau teve como preceptor ele notou que era comum o uso de fábulas e histórias para ensinar e instruir moralmente as crianças, utilizando a imaginação delas. Isso deixou Rousseau um tanto quanto intrigado e ele se propôs a ler algumas fábulas para analisar de que maneira elas seriam úteis para o aprendizado. Então ele tece uma crítica a esse método, que apesar de parecer didático traz consigo, algumas contradições.

Uma das fábulas que Rousseau nos apresenta como crítica é “O corvo e a raposa”, cujo texto segue:

Mestre corvo numa árvore empoleirado. Tinha no bico um queijo. Mestre raposa pelo cheiro embaída, mais ou menos assim lhe falou: Eh! Bom dia senhor Corvo! Como sois bonito, como me pareceis belo! Sem mentir, se vosso gorjeio correspondesse a vossa plumagem, serieis a fênix dos hóspedes deste bosque! E para mostrar sua bela voz, abre um largo bico e deixa cair sua presa. Pega-o a raposa e diz: Meu bom senhor, aprendei que todo adulator, vive a expensas de quem o escuta! O corvo envergonhado e confuso, jurou, um pouco tarde, que noutra não cairia.

Numa breve análise sobre esta fábula, Rousseau nos aponta questões interessantes. É comum que ao iniciar a história, um dos personagens (na maioria das vezes o personagem de bom caráter), seja enganado, humilhado ou não pareça ter muitas qualidades em comparação aos outros personagens. Essa maneira de apresentar os fatos também faz com que as crianças se interessem pelos personagens vilões ou que não possuem bom caráter, pois sua imagem no primeiro instante da história é sobretudo enaltecida.

Isso pode levá-las a cometer as mesmas atitudes, segundo o filósofo. Para de fato aprender algo e tirar daquela história uma lição, as crianças terão que se identificar em algum momento, com o que ouvem ou leem, ter conhecimento sobre algum dos personagens, lugares e conhecerem de fato as palavras utilizadas para descrever aquela história. Caso contrário, se perderão no que estão ouvindo e não conseguirão assimilar o texto com a lição final pretendida pelo autor.

Crianças acreditam fielmente em adultos e no que eles dizem. Se um adulto diz que um animal fala, ensina, canta, mente ou rouba, isso fará com que elas facilmente

acreditem e por consequência, repliquem a atitude. Contar histórias é de fato uma ótima maneira de ensiná-las, mas há nas fábulas algumas características de difícil adaptação. Segundo o filósofo, as fábulas parecem ter sido criadas para adultos e não para crianças.

Contar histórias pode ser um método didático muito útil quando se trata de educação infantil, mas essa história contada precisa ter uma linguagem, um cenário e uma lição que se adequem a realidade daquela criança para que ela se identifique, compreenda e guarde aquilo como lição.

Rousseau critica o intuito da lição moral presente nas fábulas. Não é preciso ser um grande filósofo ou um renomado educador para colocar-se na posição de uma criança a ouvir uma fábula. Além do vocabulário prolixo, as lições morais presentes em algumas fábulas são mesmo necessárias para uma criança? É necessário, por exemplo, explicar para uma criança que alguns homens de má índole lisonjeiam em benefício próprio? Quanto aos personagens e suas posições, é evidente que as crianças escolherão sempre o melhor papel pois não gostariam de ser o personagem humilhado e quando o personagem humilhado for exaltado, ela mudará de opinião. A maioria dos detalhes apresentados nas fábulas são supérfluos e as crianças pouco se importam com as lições finais.

Neste sentido, o que cabe aqui dizer é sobre a necessidade de adaptar o conteúdo que se está apresentando, aquilo que se está querendo ensinar, à faixa etária da criança. No século XXI, já passamos por adaptações de fábulas para crianças, mas na época em que Rousseau teceu a crítica, era comum ler a *Ilíada* de Homero para crianças. E é só a partir de Rousseau que começam a nascer as histórias para crianças, adaptadas para que elas entendam.

Para demonstrar para os pais que a criança estava aprendendo, o preceptor fazia com que a ela lesse uma fábula ou a citasse de memória. Atualmente sabemos que o ensino por memorização não é eficaz e não serve a todos os estudantes.

Rousseau parte para seu método de educação e instrução, que tem como base a natureza e as coisas que nos rodeiam, demonstrando a instrução, sob uma perspectiva prática, de acordo com suas experiências com Emílio e sempre respeitando a essência da criança.

O que Rousseau nos ensina com as vivências junto a Emílio é que a educação por vezes é um fardo que temos que carregar, por obediência ou obrigação. Sendo assim, os livros, as diferentes disciplinas, exercícios, contas matemáticas, linguagem e conhecimentos sobre ciências da natureza parecem ser nada mais nada menos que grandes pedras as quais temos que carregar nas costas e que em nada nos servirão ao longo do

caminho. É necessário que o aprendizado seja visto como útil e agradável à nossa vivência e que nos seja passado de maneira que consigamos assimilá-lo à nossa realidade.

Por fim, após tecer esta crítica às fábulas e à *La Fontaine*, o autor das mais conhecidas fábulas de sua época, Rousseau se propõe a lê-las e analisá-las com mais cuidado e atenção de modo a tentar extrair delas algo instrutivo ou útil. Ainda assim, não permitirá que seu aluno as leia até que se prove sua real utilidade moral e que o objetivo dessa leitura seja aprender e se corrigir com a vítima e não se formar de acordo com o malandro.

Essa é apenas uma das diversas lições apresentadas pelo filósofo na obra *Emílio*, em que aborda ainda, várias outras questões como didática e métodos de ensino, tendo sempre em vista o interesse e a realidade do aluno. A problemática do uso das fábulas como método de educação moral para crianças é apenas um ponto dentre grandes questões que permeiam a temática da educação presentes nessa obra, que vale a pena ser degustada.

### **SOBRE A UTILIDADE DAS COISAS E A EXPERIÊNCIA**

Dos conhecimentos ao nosso alcance, uns são falsos, outros são inúteis, outros, ainda servem para alimentar o orgulho de quem tem. O pequeno número dos que contribuem realmente para nosso bem-estar é o único digno das pesquisas do homem sábio e, por conseguinte, de uma criança que desejamos tornar tal. Não se trata de saber o que é, e sim somente, o que é útil (ROUSSEAU, 1762, p.174).

Esta passagem, presente no livro III de *Emílio*, remete à importância das experiências em nosso desenvolvimento e aprendizado. Rousseau nos mostra que apesar de livros e materiais didáticos serem excelentes métodos de ensinar, existe algo que pode prender ainda mais a atenção e deixar ainda mais curioso aquele que aprende. É impressionante o que se pode aprender apenas observando o ambiente que nos circunda e a partir das suas singularidades nos tornamos avidamente atraídos e curiosos sobre o que nos cerca.

Em um passeio com seu aluno, Emílio, o autor nos mostra a influência do ambiente no nosso desenvolvimento e como ele nos ensina. Rousseau o leva para assistir o crepúsculo, apontando a direção onde o sol se deita, as cores e o local que marca o seu poente. No dia seguinte, antes mesmo do nascer do sol, o pupilo é novamente levado ao mesmo lugar e cheios de encantamento, assistindo ao fenômeno e a como a natureza o

segue em seu despertar, surge então o momento de pôr a frente do aprendiz uma questão: Como o sol ontem se pôs ali e hoje nasceu em outra direção?

A questão posta despertará no aprendiz a curiosidade e a observação de algo que acabara de presenciar. Dessa maneira podemos notar como a natureza é capaz de ensinar por si mesma, sem grandes esforços e como é importante que o aprendiz presencie os acontecimentos a serem ensinados.

Nessa passagem é possível também notar o papel do professor, que se torna um facilitador da aprendizagem, partindo da realidade do aluno e das coisas que ele vivencia para ensinar-lhe algo que possa ser testificado. Abandonando então toda eloquência, todas as fórmulas, detalhes inúteis e figuras pouco elucidativas o aluno pôde por si mesmo notar o fenômeno e raciocinar sobre ele. Esta sem dúvida será uma lição que não será esquecida e dessa mesma experiência podem surgir novos ensinamentos.

Segundo Rousseau, a curiosidade é um dos instrumentos mais importantes e necessários ao/do aprendiz. Quando o aprendiz se torna curioso sobre um certo objeto ou certo assunto, isso nos diz que ele quer aprender por pura vontade e não por obrigação. Caso surjam questões e dúvidas, o tutor as responderá de modo que o próprio aluno possa descobrir a resposta ou responder apenas o necessário, deixando lacunas para que emergjam outras curiosidades, outras dúvidas e, por conseguinte, outras investigações.

Numa outra situação, Rousseau apresenta uma lição em que ele mesmo também aprendeu durante a tutela de Emílio. Em uma certa tarde, em uma feira livre, Rousseau e Emílio presenciam um prestidigitador que habilidosamente faz com que um marreco em um tanque cheio de água, flutue seguindo-o por um pedaço de pão, por todas as direções. Curiosos sobre como aquilo seria possível, resolveram voltar para casa na tentativa de replicar a situação com o marreco e descobrir as artimanhas do ilusionista.

Com uma agulha, um ímã, um pedaço de pão e um pouco de cera, conseguiram reproduzir o espetáculo e com muita alegria e entusiasmo o pupilo se sentiu capaz de mostrar que não era tão difícil fazer com que o marreco lhe obedecesse. Mostrando então seu truque há pouco aprendido, o garoto atrai olhares e palmas e isso lhe enche de orgulho.

O feirante convida Emílio para fazer uma apresentação na qual ele poderá exhibir seus dons com o marreco. O que acontece em seguida é que o ilusionista, já munido de experiências, supera-se em sua apresentação e acaba por enganar o garoto, aprimorando o seu truque. Agora o marreco já não obedece mais ao garoto e sim zomba dele. O prestidigitador expõe o truque do garoto a todos os que lhe assistem deixando-o envergonhado, e fazendo-o voltar para casa sem ânimo.

Em uma visita à Emílio, o próprio mágico apresenta lições que jamais serão esquecidas tanto pelo tutor quanto pelo pupilo. Ele desvenda como realiza seu truque e os adverte que a vaidade só traz tristezas e quebra de expectativas. Pensar que sabemos muito a respeito de um assunto quando sabemos bem menos que a metade pode nos trazer consequências desagradáveis. Além disso, naquele dia, ambos aprenderam como funciona um ímã e seus polos, um termômetro, a densidade da água, leis da estática e da hidrostática. Tudo isso por meio do truque que presenciaram, sem precisarem ir até um laboratório, sem fórmulas extensas e números infinitos. Se divertindo e colocando as ideias em prática é possível aprender, é possível exercitar o lado criativo e investigativo não por obrigação, mas pelo gosto.

É certo que as crianças aprendem por meio das coisas, da natureza e pelos ensinamentos de outra pessoa, mas o motivo real que as deixa interessadas é a utilidade. É bastante comum ouvir de crianças e adolescentes perguntas como: Para que isso serve? Por que devo aprender isso? Porque isso é importante? Como aponta Freire, “Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre” (FREIRE, 1989 p.39).

Tais perguntas podem frequentemente ser feitas por simples desdém ao assunto que está sendo tratado ou podem realmente ser um caminho que levará o aprendiz a se interessar e se ater ao assunto. A utilidade das coisas é primordial para a aprendizagem nesse estágio do desenvolvimento pois, diferentemente de um adulto, as crianças não sabem que por mais que não entendam a utilidade de um objeto, de um assunto ou de uma situação, todo e qualquer conhecimento é bem-vindo como fonte de aperfeiçoamento. O papel do instrutor nesse caso, é mediar as questões de modo a manter o aluno interessado no/pelo assunto. Entender a causa e a utilidade das coisas é dar razão a existência e com mais facilidade justificar sua consequência.

Rousseau exemplifica bem essa questão ao demonstrar para Emílio a utilidade da astronomia, por meio de uma situação vivida por ele mesmo e que dificilmente seria esquecida, em que ambos se encontravam perdidos em uma floresta por um período considerável e famintos, precisando achar a saída sem a ajuda de uma bússola. Se valeram então, da direção da sombra dada pelo sol ao meio-dia, das instruções anteriormente dadas em outras situações e que foram palpitadas pelo tutor de maneira despretensiosa, mas que trouxe à memória os ensinamentos anteriores. Emílio, então, por reconhecer a utilidade do que foi aprendido, certamente não esquecerá da lição vivenciada, pois: “O interesse imediato, eis o grande móvel, o único que leva longe e com segurança” (ROUSSEAU, 1992, p.110)

Rousseau nos traz muitas questões sobre a educação infantil e sobre o que hoje denominam-se métodos de ensino-aprendizagem ou didática, que nos ajuda a refletir sobre a educação em nosso tempo (tanto na educação institucional quanto na educação doméstica ou familiar). As crianças têm sido tratadas como crianças? Quais métodos de ensino e aprendizagem têm sido aplicados nas escolas? Eles valorizam a infância e a utilidade das coisas? Para que serve a educação de modo geral? Para o desenvolvimento humano no sentido filosófico ou para agregar mais mão de obra e evolução técnico-científica e para o mercado de trabalho? O aprendizado tem sido por prazer ou por obrigação?

Como aponta Rousseau:

Quanto mais insisto no meu método inativo, mais sinto as objeções se reforçarem. Se vosso aluno não aprender nada de vós, aprenderá com os outros. Se não prevenirdes o erro com a verdade, ele aprenderá mentiras; os preconceitos que temeis dar-lhe, ele os receberá de tudo o que o cerca, ele os terá através de todos os seus sentidos; ou corromperão sua razão, antes mesmo que esteja formada, ou seu espírito, entorpecido por uma longa inatividade, se absorverá na matéria. A falta de hábito de pensar na infância tira a faculdade de fazê-lo durante o resto da vida (ROUSSEAU, 1992, p.111).

## CONCLUSÃO

Rousseau propôs uma nova perspectiva sobre a infância e uma nova atitude pedagógica, por meio de temas ou metodologias profundamente inovadoras, que resultaram em um debate educativo. Sua proposta direcionou a pedagogia a um outro curso e tornou visível toda uma série de problemas antes considerados triviais e frequentemente ignorados. Jean-Jacques trouxe uma nova perspectiva quando se propôs sensível à comunicação e à evolução da criança, algo banalizado naquele período da história, e cuja compreensão coloca a criança como sujeito de sua própria educação.

O autor desenvolveu uma forma de guiar a criança sem dominá-la como um animal e sem deixar que seus caprichos controlem os outros e a si mesma. Ao refletir no quanto atualmente as instituições atentam-se à saúde e ao desenvolvimento da criança e ao atendimento humanizado, pode-se entender o porquê Rousseau foi tão criticado, e porque seus escritos ainda são atuais.

A educação para Rousseau é algo primordial e seus apontamentos nos servem bastante como alvo de reflexões sobre o contexto da educação contemporânea, que carece de permanentes discussões para que possamos responder além das questões ora apresentadas, questionamentos como: As crianças têm sido tratadas como crianças? Quais os métodos de ensino e aprendizagem têm sido aplicados nas escolas? Eles valorizam a infância e a utilidade das coisas? Para que serve a educação de modo geral, para o desenvolvimento humano no sentido filosófico ou para agregar mais mão de obra e evolução técnico-científica para o mercado de trabalho? O aprendizado tem se dado por prazer ou por obrigação?

A crítica de Rousseau à educação serve-nos como reflexão sobre a educação atual. Cada vez mais pode-se notar o tecnicismo do/no ensino, a institucionalização e a compartimentalização do conhecimento em disciplinas que, por conseguinte, resulta em uma lacuna exorbitante de uma educação capaz de formar indivíduos autônomos e críticos.

A simplificação metodológica resulta no distanciamento entre estudante e professora ou professor tornando o aprendizado desconfortável e apenas um meio obrigatório para inserir o indivíduo no mercado de trabalho. Não há mais prazer pelas experiências, pelas descobertas, não há mais vontade de questionar ou criticar.

As instituições de ensino, invariavelmente, tornaram-se ambientes fechados, em que se oferecem conteúdos específicos e limitados que são redistribuídos de acordo com a idade dos alunos, que por sua vez, devem dar respostas prontas e objetivas. O interesse

dos alunos é deixado na maioria das vezes em segundo plano e o que é lecionado é antes preparado e enquadrado pelas instituições de forma padronizada.

São poucas as instituições em que é possível notar um maior avanço em relação à pedagogia e à didática aplicadas e que visam um maior contato dos alunos com o ambiente e com a realidade, professores e professoras e professores que abordam, além do conteúdo das disciplinas, questões morais, políticas e sociais. Este exercício contribui para o desenvolvimento humano como um todo e melhora significativamente a interação humana e a cidadania.

Tais atitudes aniquilam o conhecimento alienado que visa a obediência. Além disso, adverte e prepara o indivíduo sobre os possíveis poderes coercitivos que lhe serão impostos durante sua vida. Não se trata de oferecer respostas prontas, manuais e padrões para o indivíduo. Se trata de prepará-lo para exercitar suas capacidades para que possa caminhar sozinho e que se esteja consciente do caminho que está a percorrer, pois: “Não se trata de ensinar a suportar as dificuldades, mas de se exercitar para senti-las” (ROUSSEAU, 1992, p. 15).

Geralmente as escolas ainda utilizam uma conformação de sala de aula em que não é possível aos estudantes uma maior interação entre si e nem debates que permitem uma exposição de opiniões, as aulas seguem um currículo único que desconsidera especificidades e interesses das/dos estudantes.

Se a educação, seja ela privada ou pública fosse de fato a garantia de que aquele que aprende não vá cair na armadilha de seu próprio ego ou vaidade, não se deixará ouvir por homens tomados por vontade de poder e não se lançarão fora de si, possivelmente a sociedade poderia dedicar-se somente a uma mudança radical em relação a ela. No entanto, o sentimento, as vontades e o conhecimento estão no palco da sociedade sendo assistidos, criticados e influenciados pelo público. Nessa perspectiva, a alienação do eu só pode ser impedida quando a educação preparar cada criança e cada jovem para que possam se esquivar das armadilhas e lidar com elas por si mesmos.

Quiçá a crítica de Rousseau sobre a educação seja um ponto de partida para repensarmos o cenário atual. Como é possível educar os indivíduos para a autonomia? Talvez a melhor resposta seja o incentivo a um esforço investigativo e reflexivo, a sutil intervenção e a instrução, respeitando os processos de desenvolvimento pessoal. Permitir que cada indivíduo reflita por si mesmo e que tenha suas próprias experiências, para que a partir delas desenvolva sua perspectiva sobre a realidade e se permita mudar e se aperfeiçoar sempre que lhe parecer conveniente ou necessário.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA JÚNIOR, José Benedito de. *Como ler Jean Jacques Rousseau*. Uberlândia: EDUFU, 2009.

BRASIL (1996). Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

CAMBI, Franco. *História da pedagogia*. São Paulo: Unesp, 1999.

CASSIRER, Ernest. A questão Jean-Jacques Rousseau. Trad. Erlon J. Paschoal. São Paulo: UNSP, 1999.

FREIRE, P. (1997). *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

FREIRE, P. (1998). *Pedagogia do Oprimido*. 25<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

FREIRE, P. (1989). A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 23<sup>o</sup> ed. São Paulo: Cortez Editora.

MARTINS, Custódia Alexandra Almeida. *A pedagogia de Jean-Jacques Rousseau: práxis, teoria e fundamentos*. Monografias de educação. Centro de Investigação em Educação. Universidade do Minho. Braga. 2009

MORANDI, Franc. *Filosofia da Educação*. São Paulo. EDUSC. 2002.

NACARATO, Priscila. *Rousseau: textos sobre educação*. São Paulo; USP/Faculdade de Educação Dissertação de mestrado em Educação, 1995.

ROUSSEAU, J.-J. *Emílio ou da Educação*. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

VYGOTSKY, L.S. (1977). *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Cortez.